



Editorial

Para esta nova edição, segunda parte sob a temática do edital “Morfologia urbana: conceitos e métodos, projetos e teoria do projeto”, convidamos Flavia Ribeiro Botechia, professora na Universidade Federal do Espírito Santo, para colaborar com seu ensaio “Aprender e desaprender com a morfologia urbana”, que traz desafios contemporâneos nos estudos morfológicos organizados em torno de duas questões principais: aspectos que envolvem o debate teórico-metodológico e apontamentos sobre o processo de ensino e aprendizado.

Felipe de Souza Noto, em “Concurso de Requalificação Urbana Entorno do Mercado Municipal Paulistano: relato de experiência acadêmica”, relata a experiência acadêmica na coordenação do concurso, a partir de uma reflexão teórica sobre a definição do interesse público, e descreve seu processo de organização, com a articulação entre agentes privados, públicos e acadêmicos, a formulação do termo de referência e os resultados alcançados.

ANA Beatris Fernandes Menegaldo, Rafael Augusto Silva Ferreira e Renata Baesso Pereira, no artigo “Lógicas fundiárias e a forma urbana: o Barão de Itapura como agente modelador de Campinas-SP (1869-1900)”, exploram o processo de transformação da forma urbana de parte da cidade de Campinas (SP), entre 1869 e 1900, a partir da conversão de propriedades rurais em tecido urbano, sob a perspectiva das ações de um agente modelador: Joaquim Policarpo Aranha, o Barão de Itapura. Para tanto, utilizam-se conceitos e métodos da morfologia urbana e do SIG Histórico como meio de reconstituir, hipoteticamente, as transformações no território e no tecido urbano.

No artigo “O porto e a cidade, heranças, permanências e rupturas: um estudo do caso do Rio de Janeiro”, Thereza Christina Couto Carvalho, Wandilson Guimarães de Almeida Júnior e Alex Assunção Lamounier tratam do projeto Porto Maravilha, da cidade do Rio de Janeiro, e, para isso, adotam a perspectiva metodológica de análise em morfologia urbana para discutir as relações entre preexistências e os projetos adicionados em tempos distintos, que apresentaram múltiplas escalas de intervenção, em diferentes dimensões de análise.

Em “Reconhecer a (des)ordem: lendo os assentamentos informais a partir da morfologia urbana”, Carolina Jorge Teixeira Guimarães e Daniel Ribeiro Cardoso apresentam um trabalho que propõe a construção de um painel esquemático e visual que articula três dimensões de análise do espaço urbano dos assentamentos informais, com base no aprofundamento da realidade desses territórios e no aparato teórico-metodológico da morfologia urbana.





Celso Lomonte Minozzi, Maria Teresa Stockler e Breia e Alexandre Ceravolo Abrahão, no artigo “Morfologias da cidade: entre o ideal e o real”, visam compreender, a partir da obra de Argan, o papel do ideal, tanto na morfologia e na transformação das cidades quanto em correspondências com a noção de tipologia e, logo, com o pensamento das *beaux arts*. Além disso, comparam a bibliografia, primeiro para seguir seus passos e sustentar que o esquema ideal sempre acompanha a cidade real, admitindo-lhe até mesmo a sua possibilidade sensível, traço que nos aproxima do estudo de uma Poética.

Em “Redesenhando a cidade a partir dos corpos d’água: o caso do Ribeirão das Cruzes em Araraquara-SP”, Alessandra de Lima e Nemésio Neves Batista Salvador investigam a função paisagística dos corpos d’água em ambientes urbanos, buscando propor diretrizes e mecanismos para sua requalificação e gestão em áreas urbanas consolidadas. Tal pesquisa enfatiza a necessidade de uma abordagem que concilie questões ambientais e culturais com a gestão e intervenções urbanas, a fim de revitalizar essas regiões e resgatar o sentimento de pertencimento da população em relação aos corpos d’água. O artigo propõe que compreender as atribuições desses elementos na paisagem e na cidade é crucial para uma estratégia de desenvolvimento sustentável.

Na seção dedicada a **Outras Pesquisas**:

No artigo “Laboratório experimental de materiais: construção do forno de pizza na graduação em Arquitetura e Urbanismo”, Cassio Rafael Meneses Giacomini trata de um relato de experiência no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, para o planejamento e a execução de um forno de pizza como laboratório experimental da disciplina, com prática na construção civil, canteiros de obras e outros modos de fazer o espaço a partir de técnicas vernaculares.

Fabiano Burgo e César Imai, em “O impacto da realidade virtual na educação em *design*: evidências, lacunas e oportunidades a partir de uma revisão sistemática”, analisam o impacto do uso de ferramentas de realidade virtual (RV) no processo de ensino-aprendizagem em *design* de produto, por meio de uma revisão sistemática de literatura (RSL). Os resultados revelam um campo de pesquisa em maturação, com predominância de estudos de abordagem experimental que investigam a RV em comparação com métodos tradicionais, como o esboço manual e a modelagem CAD.

Paula Lemos Vilaça Faria, no artigo “Uso de máscaras e confinamentos: casa, função e ficção”, discute as transformações nas percepções e nos usos do





espaço doméstico a partir da pandemia de covid-19, tomando como ponto de partida o texto “Eu adoro morar aqui”, de Carla Soares. A análise evidencia como o confinamento revelou a precariedade funcional das habitações contemporâneas e a insuficiência de seus espaços para comportar as múltiplas dimensões da vida cotidiana.

*Maria Isabel Villac
Rafael Schmidt*

